

ESCOLA ASA BRANCA: A SINGULARIDADE DOS ALUNOS MIGRANTES/TRABALHADORES

Oliveira, Mário Sérgio Teixeira de - UERJ

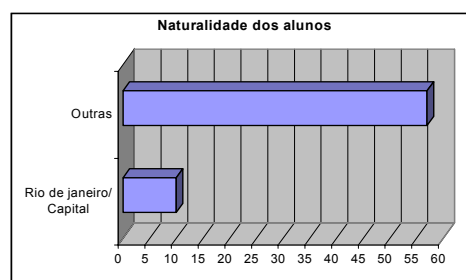
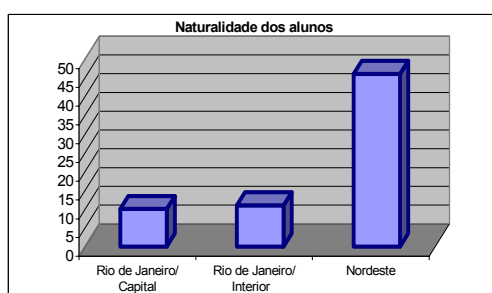
GT: Educação de Pessoas Jovens e Adultas /n.18

Agência Financiadora:..não contou com financiamento

O estudo que deu sustentação a elaboração desse pôster, teve como principal objetivo entender de que maneira o conceito de educação para a cidadania era ressignificado no cotidiano dos estudantes de uma escola de ensino fundamental para jovens e adultos (EJA), na cidade do Rio de Janeiro. Neste trabalho trago uma reflexão sobre as entrevistas realizadas com os estudantes desta escola e discuto a situação sócio-cultural destes alunos e alunas.

Encontrar respostas para a questão proposta como objetivo do trabalho, levando em conta o contexto político-social e o contexto institucional da Escola, exigiu situar os alunos e alunas historicamente questionando: Quem são? Como se localizam na sociedade? E, ainda, de que forma se organizam como comunidade escolar?

Sucederam-se os primeiros contatos com o corpo docente, estudantes e *staff* de direção da Escola. Esta aproximação inicial, viabilizou o ajuste entre o *locus* e o *modus operandi* da pesquisa proporcionando um novo direcionamento e maior segurança na efetivação do trabalho de campo que se concretizava. Em busca de informações sobre naturalidade dos alunos, a partir das fichas de inscrição, foi possível a obtenção dos dados importantes - migração, idade e gênero - dos estudantes. Entretanto para este pôster sirvo-me, nos gráficos apresentados a seguir, somente dos dados referentes à naturalidade dos alunos.



A pesquisa assumiu, como princípio ético, preservar a identidade dos seus protagonistas e, neste sentido, batizou a escola objeto dessa investigação com o nome de "Escola Estadual Asa Branca", tendo em vista sua característica marcante de ser uma escola freqüentada majoritariamente - 80% - por migrantes nordestinos que, como as aves, arribam em busca de tempos melhores.

Já vão distantes os esforços de construção de um olhar sociológico sobre a formação da sociedade brasileira. Clássicos como Casa Grande e Senzala e Sobrados e Mucambos de Gilberto Freyre e Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda nos fornecem informações que permitem entender o declínio da sociedade agrária, que por séculos se fez modelo econômico no Brasil, e a radical urbanização de nossa sociedade contemporânea.

Houve, também, na Sociologia da Educação um incremento do estudo sobre as condições sociais dos estudantes, na década de 30, quando se verifica a expansão de nosso processo de industrialização. Diante da importância que a educação escolarizada assume na sociedade contemporânea a Sociologia da Educação também se defronta com desafios e, nesse sentido Mazza (2002) sugere "atentar para os processos educativos como fenômenos sociais (...) que ocorrem em um grupo social complexo, num contexto social específico."(p.122)

A condição de migrantes dos alunos da Escola Asa Branca se apresenta como reverberação tardia da transição da sociedade agrária para a sociedade industrial marcada pela concentração de enormes contingentes humanos nas grandes cidades. A experiência no campo confirmou serem esses alunos e alunas, parte das levas de migrantes que se formam em direção às cidades grandes, em busca de emprego e embaladas pelo sonho - ou ilusão - de alcançar condições mais dignas de sobrevivência.

A presente pesquisa se desenvolveu orientada por método qualitativo de feição etnográfica. Como é próprio de uma investigação com métodos qualitativos, estive acompanhando várias atividades que ocorriam naquele espaço educativo, a fim de compartilhar com alunos, alunas e professoras o cotidiano da vida escolar (Forquin, (1995). Para isso, levando em conta o contexto histórico onde as relações se davam, fez-se exigência praticar uma descrição densa do que se foi observando, como propôs Geertz (1989) em relação à pesquisa etnográfica.

Tura (2003) enfatiza que a observação "é um mergulho profundo" na realidade observada. É fundamental para essa abordagem investigativa, inserir-se no mundo pesquisado procurando entender as dimensões culturais das relações que se estabelecem no interior da instituição ou do grupo pesquisado.

Permaneci no campo de investigação durante o ano letivo de 2003. Isto permitiu compartilhar com aquela comunidade escolar as suas rotinas, angústias, enfrentamentos e, sobretudo, perceber suas estratégias de organização, enquanto grupo cultural, produção e tecitura de sua rede de relações e de pertencimento. No contexto da observação sistemática, como propõem Bogdan e Biklen (1994) foram

realizadas entrevistas semi-estruturadas que, entendidas como dados cumulativos, se juntaram aos dados coletados na observação.

NARRADORES *DÉJÀ VU*

Minha presença no interior da Asa Branca despertou olhares curiosos e de estranhamento quanto ao meu papel de pesquisador no ambiente educativo que se apresentava: eu não era aluno, não era professor, quem eu era? As resistências foram sendo vencidas na medida do aprofundamento do "mergulho" e estreitamento das relações com os sujeitos ali observados.

Em meio a minhas deambulações pelos corredores, salas de aula, pátio externo da Asa Branca, convivendo com a rotina escolar daqueles alunos/migrantes/trabalhadores, fui inferindo (in)conclusões acerca dos sentidos da educação para aquele grupo. Como propôs Pais "toda pergunta é um buscar. E como etimologicamente método significa caminho e como o caminho se faz ao andar, o método que nos deve orientar é esse mesmo: o trotar a realidade, passear por ela em deambulações vadias"(1993).

Os relatos dos alunos reavivaram a memória das questões referentes à formação social brasileira e à herança dos traços culturais com nítidas marcas de uma vida rural, como já observado por Freyre (1990) e Holanda (1981). Relatos que distinguiam não como memória de acontecimentos remotos e, sim como um relato vivo das contradições, construídas historicamente, que compõem o perfil de desigualdade do Brasil contemporâneo.

Dessa maneira, as fichas de inscrição que serviram de fonte para o início do trabalho de campo, agora ganhavam vida no relato dos estudantes. Revelaram que os nordestinos migram não por opção ou pelo exercício do direito constitucional do cidadão de ir e vir e sim por falta de opção e ausência dos mais elementares serviços e direitos que compõem qualquer agenda cidadã em suas cidades de origem. A desigualdade se reflete, também, na oferta diferenciada de educação, quer na qualidade oferecida, quer na distância maior ou menor, de oferta de uma região para a outra do país.

É nesse contexto que se constroem as narrativas dos alunos da Escola Asa Branca. Em uma clara alusão ao título do filme *Narradores de Javé*, de Eliane Caffé, que tem sua trama tecida no universo de nordestinos analfabetos, sirvo-me da expressão *déjà vu* como é descrita por Freud (1914). O autor identifica-a com a sensação

espontânea que o sujeito tem do tipo "já estive antes nessa situação" ou, ainda, já passei por isso antes".

Tomado por um sentimento de *déjà vu*, acompanhei os relatos da saga daqueles estudantes, onde descreviam suas vidas na infância, em geral marcadas pelo trabalho, o drama da migração, suas experiências de "fracasso" escolar. Enfim, relatos de vida que aquela sensação de *déjà vu* anunciava como um universo, aparentemente, já narrado em história cantada e contada em prosa, verso, tão bem representada na literatura, na cinematografia nacional e nas artes em geral.

Aqueles alunos migrantes, estabeleceram uma rede social muito restrita, em geral resumida ao seu núcleo familiar e religioso. Entre as estratégias de ampliação da rede social, a escola assumia, então, papel preponderante.

No início das entrevistas, houve muita resistência, poucos aceitavam o convite ao diálogo. Entretanto, depois de algum tempo, a situação se inverteu com inúmeros alunos solicitando uma oportunidade de ser entrevistado. O diálogo e o estreito contato com os alunos permitiu perceber alguns sentidos que a educação produzia naquele contexto. O que se apresentava como familiar e produzia a sensação de *déjà vu*, se revelou, então, experiência singular.

Singer (1986) afirma que a escola "carimba, certamente dá àqueles que por ela passaram com êxito e que se diplomaram, um determinado *status* social diferente daqueles que por ali não passaram" (p.52). Entretanto, algo mais, além do vínculo escola/trabalho, movia aqueles alunos que procuravam a escola após um longo e extenuante dia de trabalho. Tomarei como exemplo os relatos dos estudantes "Zé", Josefa e do Antônio que se revelaram singulares.

Antônio, que aprendera a ler com alguma "dificuldade" antes de entrar para a Escola Asa Branca, estava ali à rescrever sua história. Resgatando um direito que lhe foi negado, buscando na palavra escrita contar sua história de vida que parecia destinada a ser escrita riscando o chão de terra com suas ferramentas de trabalho. Quando criança, toda vez que o pai de Antônio percebia que os filhos haviam "escapulido" para ir à escola, aplicava-lhes uma surra daquelas "para não mais esquecer" porque homem, foi feito para trabalhar!

Josefa, uma senhora, empregada em serviços domésticos, revelou ser ali o lugar no qual podia encontrar e conversar com suas amigas. E, como sonho gostaria, em sua inspiração de cronista, poder contar no papel, tudo o que observava nas relações sociais à sua volta.

"Zé", quarenta e sete anos de idade, recém alfabetizado - nunca havia freqüentado uma escola durante toda a sua vida - procurou a escola para superar os tropeços nas sílabas, tão importantes para a construção dos seus versos. Organizava, com seus companheiros, rodas de leitura o orgulhoso "Zé", que também é poeta e cantador. Deu

sua entrevista quase toda entrecortada por sua cantoria e ainda por cima me presenteou com um repente de improviso.

CONCLUSÃO

A respeito do trabalho de campo e lembrando a provisoriidade dos resultados das pesquisas, Tura (2003), citando Geertz, afirma: “estaremos sempre diante de uma versão dos fatos, parcial e provisória, posto que nossos relatórios de pesquisa expressam não a realidade social observada, mas uma construção do real, a partir de nossas observações, de nossos pressupostos teórico-metodológicos e do recorte que fazemos de uma realidade multifacetada.” (p. 186).

Nessa perspectiva os alunos e alunas em suas narrativas, atribuem à Escola papel preponderante na reconstrução da trama social esgarçada pela migração. Sua identidade de estudante se confunde e irremediavelmente se entrelaçada com a sua identidade social. A Escola se faz lugar privilegiado de construção do sentimento de pertença a um grupo, fundamental para organização da luta por conquista da cidadania que lhes foi historicamente negada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOGDAN, Robert C. BIKLEN, Sari Koopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução teórica aos métodos*. Porto: Porto editora, 1994.
- FORQUIN, J. C. (org.) *Sociologia da educação: dez anos de pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1995:
- FREIRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981. II
- FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1995. ed. eletrônica.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981.
- MAZZA, Débora. A História da Sociologia no Brasil contada pela ótica da Sociologia da Educação. In. TURA, M. de L. R. (org.) *Sociologia para educadores*. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.
- PAIS, J.M. *Nas rotas do cotidiano*. Lisboa: Revista Crítica de Ciências Sociais. N. 37, jun. 1993. P.105-113.
- TURA, M de L. R. A observação do cotidiano escolar. In. ZAGRO, Nadir, CARVALHO, Marília Lia Pinto de, VALÉRIA, Rita Amélia Teixeira. (org.) *Itinerários da pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003. p. 183-206.
- SINGER, PAUL. Diploma, profissão e estrutura social. In CATANI, Denise Barbosa. *Universidade, escola e formação de professores*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 51-67.